

Millenium, 2(ed espec nº5), 177-184.

pt

RESILIÊNCIA DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES: PERCEÇÃO DOS PAIS
RESILIENCE OF CHILDREN AND ADOLESCENTS: PERCEPTION OF PARENTS
RESILIENCIA DE LOS NIÑOS Y ADOLESCENTES: PERCEPCIÓN DE LOS PADRES

Manuela Ferreira¹
Graça Aparício¹
Ernestina Silva¹
Sofia Campos¹
João Duarte¹
Odete Amaral¹

¹ Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde, CI&DETS, Viseu, Portugal.

Manuela Ferreira - mmcferreira@gmail.com | Graça Aparício - gaparicio5@hotmail.com | Ernestina Silva - ernestinabatoca@sapo.pt |
Sofia Campos - sofiamargaridacampos@gmail.com | João Duarte - duarte.johnny@gmail.com | Odete Amaral - mopamaral@gmail.com



Autor Correspondente

Manuela Ferreira

Escola Superior de Saúde

R. D. João Crisóstomo Gomes de Almeida, n.º 102

3500-843 VISEU

mmcferreira@gmail.com

RECEBIDO: 07 de junho de 2019

ACEITE: 05 de setembro de 2019

RESUMO

Introdução: A parentalidade tem vindo a assumir um papel central nos temas de saúde, pelas implicações que pode ter não só na saúde e bem-estar dos progenitores, mas sobretudo ao nível do saudável desenvolvimento físico, cognitivo e emocional da criança e do adolescente.

Objetivos: Analisar a percepção dos pais relativamente à resiliência das crianças e adolescentes.

Métodos: Estudo quantitativo, descritivo e correlacional que envolveu uma amostra por conveniência não probabilística de 592 pais. Foi aplicado um questionário de caracterização sociodemográfica e a subescala Internal Assets do questionário Healthy Kids Resilience Assessment Module (versão 6.0), adaptada para a população portuguesa por Martins (2005). É uma subescala tipo Likert constituída por 18 itens classificada em 4 pontos correspondentes às seguintes seis dimensões: Cooperação e Comunicação; Autoeficácia; Empatia; Resolução de Problemas; Autoconsciência e Metas e Aspirações.

Resultados: Ao analisar as dimensões da resiliência e o fator global de resiliência das crianças/adolescentes entendidos pelos pais, constata-se que a maior média corresponde à dimensão metas e aspirações ($M = 77.06 \pm 21.75$) e a menor refere-se à dimensão da autoeficácia ($M = 62.37 \pm 19.13$). O coeficiente de variação indica uma dispersão moderada quando comparado com as médias registadas.

A percepção dos pais mais jovens é de que as crianças são mais resilientes em todas as dimensões da resiliência, com diferenças significativas para a empatia, a resolução de problemas e a resiliência global.

Conclusões: A idade dos pais e a idade revelaram-se preditores da percepção dos pais sobre a resiliência dos filhos, sendo estas variáveis a considerar na promoção da parentalidade positiva e na capacidade de adaptação à adversidade para a promoção da saúde mental e prevenção do comportamento de risco em crianças e adolescentes.

Palavras-chave: resiliência; percepção; pais; crianças; adolescentes

ABSTRACT

Introduction: Parenting has assumed a central role in health issues, due to the implications it may have, not only on the health and well-being of the parents, but especially on the healthy physical, cognitive and emotional development of children and adolescents.

Objectives: To analyze parents' perception of the resilience of children and adolescents.

Methods: A quantitative, descriptive and correlational study involving a non-probabilistic convenience sample of 592 parents. A sociodemographic characterization questionnaire and the Internal Assets subscale of the Healthy Kids Resilience Assessment Module (version 6.0), adapted for the Portuguese population by Martins (2005), were applied. It is a Likert subscale constituted by 18 items classified in 4 points corresponding to the following six dimensions: Cooperation and Communication; Self-efficacy; Empathy; Problem solving; Self-awareness and Goals and Aspirations.

Results: When analyzing the dimensions of resilience and the overall resilience factor of the children / adolescents as understood by the parents, it is verified that the highest average corresponds to the goals and aspirations dimension ($M = 77.06 \pm 21.75$) and that the lowest average refers to self-efficacy ($M = 62.37 \pm 19.13$). The coefficient of variation indicates a moderate dispersion when compared to the recorded averages.

The perception of younger parents is that children are more resilient in all dimensions of resilience, with significant differences for empathy, problem solving and global resilience, with these variables being considered in promoting positive parenting.

Conclusions: Parental age and age were predictors of parents' perception of their children's resilience, and these variables should be considered in the promotion of positive parenting and in the ability to adapt to adversity for the promotion of mental health and prevention of risk behavior in children and adolescents.

Keywords: resilience; perception; parents; children; adolescents

RESUMEN

Introducción: La parentalidad ha venido a asumir un papel central en los temas de salud, por las implicaciones que puede tener no sólo en la salud y el bienestar de los progenitores, sino sobre todo al nivel del sano desarrollo físico, cognitivo y emocional del niño y del adolescente.

Objetivos: Analizar la percepción de los padres sobre la resiliencia de los niños y adolescentes.

Métodos: Estudio cuantitativo, descriptivo y correlacional que involucró una muestra por conveniencia no probabilística de 592 padres. Se aplicó un cuestionario de características sociodemográficas y subescala Internal Assets cuestionario Healthy Kids Resilience Assessment Module (versión 6.0), adaptada a la población portuguesa por Martins (2005). Es una subescala tipo Likert constituída por 18 ítems clasificada en 4 puntos correspondientes a las siguientes seis dimensiones: Cooperación y Comunicación; Auto-eficacia; Empatía; Solución de problemas; Autoconsciencia y Metas y Aspiraciones.

Resultados: Al analizar las dimensiones de la resiliencia y el factor global de resiliencia de los niños / adolescentes entendidos por los padres, se constata que la mayor media corresponde a la dimensión metas y aspiraciones ($M = 77.06 \pm 21.75$) y la menor refiere a la dimensión de la autoeficacia ($M = 62.37 \pm 19.13$). El coeficiente de variación indica una dispersión moderada cuando se compara con los promedios registrados.

La percepción de los padres más jóvenes es que los niños son más resilientes en todas las dimensiones de la resiliencia, con diferencias significativas para la empatía, la resolución de problemas y la resiliencia global siendo estas variables a considerar en la promoción de la parentalidad positiva.

Conclusiones: La edad de los padres y la edad fueron predictores de la percepción de los padres sobre la capacidad de recuperación de sus hijos, y estas variables deben considerarse en la promoción de la crianza positiva y en la capacidad de adaptarse a la adversidad para la promoción de la salud mental y la prevención del comportamiento de riesgo en niños y adolescentes.

Palabras Clave: resistencia; percepción; padres; niños; adolescentes

INTRODUÇÃO

A adaptação a contextos adversos é uma condição prioritária pela sua importância para a promoção da saúde mental e prevenção de comportamentos de risco em crianças e adolescentes.

A resiliência caracteriza-se pela capacidade de adaptação positiva de uma pessoa, independentemente da idade, face a uma adversidade e contextos de experiências negativas, que potencialmente resultaria num impacto negativo (Masten & Gewirtz, 2006; Rutter, 2012). Consiste na habilidade do ser humano superar os acontecimentos stressantes da vida de forma positiva, abrangendo fatores de risco e de proteção, num processo dinâmico que considera aspetos emocionais, socioculturais, ambientais e cognitivos. A resiliência é mais do que uma componente pessoal, é um processo que tem em conta o contexto em que a pessoa se insere. Folostina et al. (2015) referem que a promoção da resiliência deve assumir-se como prioridade de todos os sistemas, particularmente os que intervêm com crianças, pela sua influência positiva no empoderamento das capacidades. Os mesmos autores acrescentam que, à medida que a criança cresce, vai adquirindo novas competências, ou seja, o controlo que anteriormente era determinado pelos pais passa progressivamente para os filhos até os mesmos chegarem à adolescência, possibilitando uma gradual afirmação pessoal, não obstante as regras sociais e parentais (Folostina et al., 2015). As crianças que vivenciam situações de stress e de risco transformam-se em pessoas mais resilientes por, precisamente nesse processo, recorrerem aos seus mecanismos internos para superarem as dificuldades, fazendo com que os seus recursos sejam mais eficazes para enfrentarem essas situações (Poletto, 2007). Contudo, o constructo de resiliência nos indivíduos é dinâmico, numa determinada fase da vida podem manifestar comportamentos de adaptação positiva aos contextos e noutras fases da vida não serem capazes de uma adaptação tão eficaz perante contextos adversos (Maia, 2014).

Para a construção/desenvolvimento da resiliência em crianças e adolescentes, a família e a comunidade constituem-se como dois elementos elementares (Maia, 2014). A parentalidade tem vindo a assumir um papel central nos temas de saúde, pelas implicações que pode ter não só na saúde e bem-estar dos progenitores, mas sobretudo ao nível do saudável desenvolvimento físico, cognitivo e emocional da criança e do adolescente. Assenta em práticas complexas e modificáveis que vão influenciar a estruturação psíquica de cada um e a capacidade de ser resiliente perante as dificuldades da vida diária garantindo a educação e o desenvolvimento da criança. Segundo Cruz (2005, p. 13) as especificidades e a multidimensionalidade da parentalidade, define-se a partir do "(...) conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade", remetendo para as seguintes funções parentais: i) Satisfação das necessidades mais básicas de sobrevivência e saúde; ii) Disponibilizar à criança um mundo físico organizado e previsível; iii) Resposta às necessidades de compreensão cognitiva das realidades extrafamiliares; iv) Satisfazer as necessidades de afeto, confiança e segurança; v) Satisfazer as necessidades de interação social da criança. Assim, a resiliência em crianças é influenciada pelas relações pais/filhos, pela qualidade da relação precoce pais/filhos (Cruz, 2005).

O suporte familiar, avaliações positivas e interações saudáveis com os pais, (Affi & Macmillan, 2011; Vanderbilt-Adriance & Shaw, 2008) boas relações interpessoais, professores e suporte escolar (Brooks, 2006), bem como relacionamentos e recursos da comunidade (Davies, Thind, Chandler, & Tucker, 2011) são alguns fatores externos de proteção em crianças e adolescentes. Além destes fatores, a competência pessoal constitui-se particularmente relevante para os níveis de resiliência dos indivíduos assim como a sua capacidade de autorregulação (Gardner, Dishion, & Connell, 2008). A capacidade de autorregulação exerce um efeito na adaptação à adversidade, dado que é um processo no qual os indivíduos assumem um papel na ativação, monitorização, inibição e/ou adaptação do seu comportamento, emoções e estratégias cognitivas para alcançar metas desejadas (Gestsdottir & Lerner, 2008). O ambiente familiar e a estrutura familiar, especialmente o afeto, a capacidade de resposta dos pais, as estratégias

de controlo e a exposição a modelos ajustados, possuem um impacto importante nas habilidades de autorregulação das crianças e adolescentes e, portanto, em crianças e adolescentes mais resilientes (Choe, Olson, & Sameroff, 2013; Moilanen, Shaw, & Fitzpatrick, 2010).

A evidência científica mostra que famílias mais resilientes têm crianças com maior capacidade de controlo das suas emoções e comportamentos e com um desempenho escolar e em outras áreas da vida superior (Nievar, Moske, Johnson, & Chen, 2014). Uma relação de qualidade com os pais surge como um fator protetor de elevada importância na construção da resiliência dos seus filhos, ao cuidar e dar a oportunidade de estabelecerem relacionamentos com modelos positivos (Vale Dias & Reboredo, 2011). Famílias demasiadamente concentradas nos problemas impedem os sistemas de perscrutar soluções e perceber que competências têm para dissolver os problemas por forma a torná-las mais resilientes (Dallos & Hamilton-Brown, 2000). Nesta linha, é importante reconhecer as competências perante um problema: encorajar a comunicação familiar sobre os objetivos a atingir e as soluções possíveis, pois, enquanto as pessoas se concentram nos problemas, sentem-se incompetentes e incapazes e estas atitudes são práticas educativas para as crianças.

Um estudo realizado com 107 crianças entre os 10 e 13 anos de famílias de baixo rendimento, identificaram 82% dos participantes com scores elevados de resiliência, sendo que a maioria demonstrou elevada concentração e autoestima (Garcia, Brino, & Williams, 2009). O mesmo estudo revelou ainda que algumas dessas crianças apresentavam vivência de muitos eventos adversos, problemas familiares e financeiros e, mesmo assim, não desenvolveram problemas emocionais e, ou, comportamentais e tinham bom rendimento escolar (Garcia et al., 2009). Outro estudo reforçou a evidência de crianças que são criadas em condições familiares que não são ideais (por exemplo, pobreza, violência, abuso de substâncias, dissonância familiar, doenças familiares ou pessoais), situações que podem inibir o desenvolvimento intelectual, social e emocional normal de crianças e jovens, interferindo assim no alcance do seu pleno potencial como adultos. Por outro lado, muitas crianças enfrentam essas adversidades e são justas, apesar dos desafios, e podem ser consideradas resilientes (Zolkoski & Bullock, 2012).

A perspetiva parental sobre a resiliência está relacionada com a percepção que os pais têm das habilidades dos seus filhos, podendo também relacionar-se com a sua posição social e género. Num estudo de Zolkoski e Bullock (2012) foram os pais com menos idade que perceberam de forma mais positiva a resiliência dos filhos, em quase todas as dimensões dos recursos internos de resiliência, com destaque para a autoconsciência, cooperação e comunicação e resolução de problemas. Outro estudo realizado com 393 estudantes do ensino secundário, com idades a variar entre os 14 e os 21 anos de três escolas do norte de Portugal mostrou que a resiliência era influenciada pelo ambiente familiar, escolar e a relação com os pares, contribuindo para um aumento de cooperação e comunicação, empatia, autoconsciência e autoeficácia (Dias & Cadime, 2017). O ambiente familiar foi o principal preditor de resiliência (Dias & Cadime, 2017). O mesmo estudo revelou que a resiliência se associou com o sexo feminino ($p = .004$) e com a idade, na medida que os estudantes mais novos têm melhores níveis de resiliência ($p = .001$) (Dias & Cadime, 2017).

1. MÉTODOS

Efetou-se um estudo quantitativo, descritivo e correlacional a 592 figuras parentais de um agrupamento de escolas básicas/secundárias da região centro de Portugal, com o objetivo de analisar a percepção dos pais relativamente à resiliência das crianças e adolescentes.

Solicitou-se parecer à comissão Nacional de Proteção de Dados (Ref^a 03.01, 38790 de 18/12/2017), por forma a salvaguardar os requisitos éticos. Efetuou-se posteriormente a submissão do protocolo de pesquisa à Direção Geral de Educação (DGE) (inquérito n.º 0012100017). Após aprovação do estudo, solicitou-se permissão ao Conselho Diretivo do Agrupamento Escolar e obteve-se o consentimento livre e informado dos encarregados de educação.

Realizou-se o tratamento estatístico através do Statistical Package for the Social Sciences[®] (SPSS - versão 24.0), com base na análise estatística descritiva e analítica, com recurso à análise de variância ANOVA e ao Teste-t para diferença de médias. Utilizou-se o Intervalo de Confiança (IC) a 95% (significância $p < 0,05$).

1.1 Participantes

Envolveu uma amostra por conveniência não probabilística de 592 pais (figuras parentais) com uma média de idade de 40.43 anos (± 2.58 anos), sendo que o sexo feminino representa 84,8% da amostra ($n=502$). Ainda em relação à idade e tendo em conta a classificação por grupos etários, constata-se que, no total da amostra, a percentagem mais elevada corresponde aos pais na faixa etária dos 40-41 anos (38,3%), seguindo-se os que têm idade inferior ou igual aos 39 anos (32,9%). Fazendo-se uma análise das idades por sexo, constata-se que, em ambos, a maioria situa-se na faixa etária dos 40-41 anos (sexo feminino 37,8% vs. sexo masculino 41,1%) (Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica das figuras parentais

Género Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais		X ²	P
	N (502)	% (84,8)	N (90)	% (15,2)	N (592)	% (100,0)	1	2		
Idade										
≤39 anos	164	32.7	31	34.4	195	32.9	-.3	.3	.555	.754
40-41 anos	190	37.8	37	41.1	227	38.3	-.6	.6		
≥42 anos	148	29.5	22	24.4	170	28.7	1.0	-1.0		
Total	502	100.0	90	100.0	592	100.0				

1.2 Instrumento de Recolha de Dados

Foi aplicado um questionário de caracterização sociodemográfica e a subescala *Internal Assets* do questionário Healthy Kids Resilience Assessment (versão 6.0), adaptada para a população portuguesa por Martins (2005). É uma subescala tipo Likert constituída por 18 itens classificada em 4 pontos (1 = Nada Verdadeiro, 2 = Pouco Verdadeiro, 3 = Bastante Verdadeiro e 4 = Tudo Verdadeiro) correspondentes às seguintes seis dimensões: Cooperação e Comunicação; Autoeficácia; Empatia; Resolução de Problemas; Autoconsciência e Metas e aspirações.

2. RESULTADOS

Da análise efetuada às seis dimensões da resiliência e ao fator global das crianças/adolescentes percecionadas pelos pais, constata-se que a média mais elevada corresponde à dimensão Metas e Aspirações ($M=77.06\pm 21.75$) seguida da Resolução de Problemas ($M=72.11\pm 21.05$) e da Empatia ($M=71.55\pm 18.07$). Os coeficientes de variação indicam uma dispersão moderada face às médias encontradas (Tabela 2).

Tabela 2 - Medidas de dispersão das seis dimensões da resiliência e do fator global das crianças/adolescentes, percecionadas pelos seus pais

Dimensões	Min	Max	Média	Dp	CV (%)
Cooperação e comunicação	11.11	100.0	69.86	18.81	26.93
Autoeficácia	11.11	100.0	62.37	19.13	30.67
Empatia	11.11	100.0	71.55	18.07	25.26
Resolução de problemas	11.11	100.0	72.11	21.05	29.19
Autoconsciência	11.11	100.0	68.94	20.61	29.90
Metas e aspirações	.00	100.0	77.06	21.75	28.22
Fator global de resiliência	20.37	100.0	70.31	15.66	22.27

Pela análise da classificação da perceção das figuras parentais apura-se que 48.4% das mães consideraram que o seu filho é moderadamente resiliente, 26.7% percecionam o filho como muito resiliente e 24.9% consideram que o filho é pouco resiliente. Relativamente aos pais verifica-se a mesma tendência, já que 45.6% consideram o filho moderadamente resiliente e 28.9% e 25.6% muito e pouco resilientes respetivamente (Tabela 3).

Tabela 3 - Perceção dos pais da resiliência das crianças e adolescentes em função do género

Género Variáveis	Masculino		Feminino		Total		Residuais		X ²	P
	N (90)	% (15,2)	N (502)	% (84.8)	N (592)	% (100.0)	1	2		
Resiliência										
Pouca	23	25,6	125	24.9	148	25	.1	-.1	.279	.870
Moderada	41	45,6	243	48.4	284	48	-.5	.5		
Elevada	26	28,9	134	26.7	160	27	.4	-.4		
Total	90	100,0	502	100.0	592	100.0				

Considerando que a idade dos pais pode influenciar a sua perceção, foi efetuada esta análise, verificando-se pelo Test-T para diferença de médias, que são os pais mais novos os que percecionam melhor a resiliência dos seus filhos, com valores médios mais elevados em todas as dimensões, mas apenas com diferenças estatisticamente significativas na empatia ($p=.036$), na resolução de problemas ($p=.001$) e na resiliência total ($p=.047$) (Tabela 4).

Tabela 4 - Teste T de Student para a diferença nas percepções em função da idade

Idade	≥41 anos		<41 anos		t	p
	Média	Dp	Média	Dp		
Cooperação e comunicação	68.64	19.19	71.07	18.35	-1.570	.117
Autoeficácia	61.24	17.57	63.50	20.55	-1.439	.151
Empatia	69.99	18.42	73.10	17.60	-2.100	.036
Resolução de problemas	69.32	20.74	74.91	21.02	-3.258	.001
Autoconsciência	68.31	20.70	69.56	20.54	-.740	.460
Metas e aspirações	76.73	21.79	77.40	21.72	-.375	.708
Fator global de resiliência	69.04	15.32	71.59	15.92	-1.987	.047

Da análise da percepção face ao sexo dos pais, apura-se que são os do sexo masculino que, na globalidade, apresentam valores de ordenação média mais elevados em quase todas as dimensões da resiliência, sugerindo que são estes que têm uma percepção mais elevada da resiliência dos filhos, com exceção da dimensão metas e aspirações e no total da resiliência, onde pontuaram mais as mães. Todavia, sem diferenças estatisticamente significativas (Tabela 5).

Tabela 5 - Percepção da resiliência das crianças e adolescentes pelos pais em função do sexo

Sexo	Homens		Mulheres		Total		Residuais		X ²	P
	N	%	n	%	n	%	1	2		
Variáveis	(90)	(15,2)	(502)	(84,8)	(592)	(100,0)				
Resiliência										
Pouca	23	25.6	125	24.9	148	25	.1	-.1	.279	.870
Moderada	41	45.6	243	48.4	284	48	-.5	.5		
Elevada	26	28.9	134	26.7	160	27	.4	-.4		
Total	90	100.0	502	100.0	592	100.0				

3. DISCUSSÃO

A resiliência tem sido definida de forma variada na literatura e a resiliência familiar é um constructo relativamente recente que descreve como as famílias se adaptam ao stress e recuperam da adversidade (Mullin & Arce, 2008). Assim, as famílias mais resilientes são as que, perante situações adversas, demonstram flexibilidade na capacidade de adaptação com resultados produtivos para o seu bem-estar, têm uma atitude e um desenvolvimento positivo da família e seus elementos (Hawley & De Haan, 1996). A família assume funções parentais básicas como o apoiar o crescimento e desenvolvimento da criança, a socialização e a autonomia, possuindo a capacidade de nutrir, guiar e controlar (Relvas, 2003). A investigação tem identificado processos que proporcionam à família o sentimento de empoderamento para enfrentar a adversidade: coesão familiar, crenças familiares positivas/saudáveis (especificamente, a espiritualidade, a esperança, o otimismo, a concentração nas forças e a aceitação dos desafios) e ação para controlar o próprio destino (Mullin & Arce, 2008; Bhana & Bachoo, 2011). Neste sentido, resiliência é a:

capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates – uma característica de personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao indivíduos desenvolver um autoconceito, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente. (Tavares, 2001, p. 8).

Perante o que foi referido, a família é considerada como um elemento basilar para o desenvolvimento e crescimento das crianças, desempenhando um papel significativo na transmissão da cultura, valores morais, prestação de cuidados, normas de conduta e constituindo-se como o grupo social primário. Portanto, a qualidade das práticas parentais na infância constitui um ponto fulcral no desenvolvimento equilibrado e coerente da criança. Os pais são os primeiros educadores e socializadores, motivo pelo qual as suas práticas são, inevitavelmente, influenciadoras das aprendizagens e dos comportamentos dos filhos no futuro. Neste sentido, o ambiente familiar é essencial e determinante para a resiliência das crianças (Maia, 2014). Existem estudos que referem que fatores individuais e ambientais, relacionados com a escola, ambiente familiar, comunidade ou grupo de pares, contribuem para o desenvolvimento da autorregulação e da resiliência em crianças e adolescentes (Choe et al., 2013; Maia, 2014; Moilanen et al., 2010). A capacidade de autorregulação constitui-se pertinente para os níveis de resiliência das crianças e adolescentes (Gardner et al., 2008). Investigações têm referido que ambiente familiar tem um efeito superior sobre a resiliência de crianças, enquanto o ambiente escolar não apresenta poder preditivo (Dias & Cadime, 2017).

São os pais (Homens), na globalidade que apresentam valores de ordenação média mais elevados em quase todas as dimensões da resiliência, sugerindo que são estes que têm uma perceção mais elevada da resiliência dos filhos, com exceção da dimensão metas e aspirações e no total da resiliência, onde pontuaram mais as mães. Este resultado referente ao pai, parece ser consistente com alguma literatura que aponta para um maior envolvimento do pai na educação e desenvolvimento dos filhos (Hall, 2005; Lamb, 2010).

De acordo com os resultados encontrados no presente estudo, verificou-se serem os pais mais novos os que percecionam melhor a resiliência dos seus filhos, com valores médios mais elevados em todas as dimensões, mas apenas com diferenças estatisticamente significativas na empatia ($p=0,036$), na resolução de problemas ($p=0,001$) e na resiliência total ($p=0,047$). Estes resultados poderão ser justificados com o facto dos pais mais novos ainda não estarem tão “formatados” como os pais com mais idade, estando, provavelmente, mais despertos para os comportamentos dos filhos, o que lhes permite fazer uma maior avaliação da sua resiliência. Também no estudo de Zolkoski e Bullock (2012) foram os pais com menos idade que percecionaram de forma mais positiva a resiliência dos filhos em quase todas as dimensões dos recursos internos de resiliência, com destaque para a autoconsciência, cooperação e comunicação e resolução de problemas.

CONCLUSÕES

Os dados revelam contributos interessantes das variáveis sociodemográficas no construto em estudo. O facto de terem sido utilizadas medidas de autorresposta pode enviesar os resultados, pois ficamos dependentes da informação fornecida pelos pais que podem ser mais no sentido de percepções desejáveis e não traduzir a real percepção de resiliência. Será desejável incluir, no futuro, outro tipo de instrumentos e mais fontes de dados, tais como algumas variáveis familiares, por exemplo, a organização da família, sua qualidade relacional e história. Além disso importa salientar outra limitação metodológica associada ao tipo de amostra utilizada, que, não sendo representativa da população portuguesa, pelo seu caráter não probabilístico associado à característica transversal da recolha de informação, inviabiliza a generalização dos resultados a outras populações. Porém, tal como referimos e dada a escassez de estudos nacionais neste âmbito, considera-se que os resultados obtidos serão um importante contributo para o estudo da percepção da resiliência que os pais têm dos seus filhos.

Face aos resultados encontrados, concluímos que o conceito de resiliência, apesar de recente, é de crucial importância no estudo da adaptação à adversidade para a promoção da saúde mental e prevenção do comportamento de risco em crianças e adolescentes. O estudo da resiliência, pode, desta forma fornecer aos pais, professores e profissionais de saúde, informações sobre os recursos que podem ser mobilizados a promover resultados positivos em ambientes adversos. Tal como defendem Dias e Cadime (2017), o ambiente familiar, escolar e a relação com os pares são fatores preditores da resiliência de crianças e adolescentes, contribuindo para um aumento de cooperação e comunicação, empatia, autoconsciência e autoeficácia. O ambiente familiar é o principal preditor de resiliência. Neste sentido, relativamente à percepção dos pais, verificou-se que a maioria considera os seus filhos de moderada a muito resilientes, destacando-se as médias mais elevadas nas dimensões metas e aspirações, resolução de problemas e empatia.

No sentido de aprofundar a importância das práticas educativas parentais no desenvolvimento da criança, foram realizados diversos estudos ao longo das últimas décadas. Costa, Teixeira e Gomes (2000) procedeu a uma revisão dos estudos realizados em Portugal e Vaz Serra, Firmino e Matos citados em Costa et al., (2000) centraram os seus estudos em aspetos relacionados com a relação pais-filhos, tendo considerado o género dos pais, o género dos filhos, a relação mãe-pai e filho-progenitor, e as características individuais da criança.

Sugerimos que se aprofunde a intervenção junto das famílias capacitando-as para o empoderamento do seu ambiente para a promoção da resiliência junto das crianças e adolescentes aumentando os níveis de bem estar, de saúde mental e de relacionamento intra e interpessoal.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é financiado pelo Fundo Social Europeu, Programa Operacional CENTRO 2020 e Fundação para a Ciência e Tecnologia do Governo Português, instituições públicas que se constituem como fontes de financiamento do Projeto de Investigação MAISaúde Mental (código de identificação:CENTRO-01-0145-FEDER-023293), onde este estudo se integra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Affi, T. O., & Macmillan, H. L. (2011). Resilience following child maltreatment: A review of protective factors. *Canadian Journal of Psychiatry*, 56, 266-272.
- Bhana, A., & Bachoo, S. (2011). The determinants of family resilience among families in low- and middle-income contexts: A systematic literature review. *South African Journal of Psychology*, 41(2), 131-139.

- Brooks, J. E. (2006). Strengthening resilience in children and youths: Maximizing opportunities through the schools. *Children and Schools*, 28, 69-6. Retrieved from Doi: 10.1093/cs/28.2.69
- Choe, D. E., Olson, S. L., & Sameroff, A. J. (2013). Effects of early maternal distress and parenting on the development of children's self-regulation and externalizing behavior. *Development and Psychopathology*, 25, 437-453.
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-73.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Dallos, R., & Hamilton-Brown, L. (2000). Pathways to problems. *Journal of Family Therapy*, 22, 375-393.
- Davies, S. L., Thind, H. R., Chandler, S. D., & Tucker, J. A. (2011). Enhancing resilience among young people: The role of communities and asset-building approaches to intervention. *Adolescent Medicine: State of the Art Reviews*, 22, 402-440.
- Dias, P., & Cadime, I. (2017). Protective factors and resilience in adolescents: The mediating role of self-regulation. *Psicologia Educativa*, 23, 37-43.
- Folostina, R., Tudorache, L., Michel, T., Erzsebet, B., Agheana, V., & Hocaoglu, H. (2015). Using play and drama in developing resilience in children at risk. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 197, 2362-2368. Doi: 10.1016/j.sbspro.2015.07.283
- Garcia, S. C., Brino, R. F., & Williams, L. C. A. (2009). Risco e resiliência em escolares: Um estudo comparativo com múltiplos instrumentos. *Psicologia da Educação*, 28, 23-50. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100003&lng=pt&nrm=iso
- Gardner, T., Dishion, T., & Connell, A. (2008). Adolescent self-regulation as resilience: Resistance to antisocial behavior within the deviant peer context. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36, 273-284. Doi: 10.1007/s10802-007-9176-6
- Gestsdottir, S., & Lerner, R. M. (2008). Positive development in adolescence: The development and role of intentional self regulation. *Human Development*, 51, 202-224.
- Hall, S. (2005). Change in paternal involvement from 1977 to 1997: A cohort analysis. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 34, 127-139.
- Hawley, D. R., & De Haan, L. (1996). Towards a definition of family resilience: Integrating life-span and family perspectives. *Family Process*, 35, 283-298.
- Lamb, M. (Ed.). (2010). *The role of the father in child development* (5th Ed.). Hoboken, NJ: Wiley.
- Maia, A. E. D. (2014). *Atitudes educativas parentais, resiliência e rendimento académico do adolescente: Análise de relações e contributo de variáveis demográficas*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Retrieved from <https://core.ac.uk/download/pdf/43572797.pdf>
- Masten, A. S., & Gewirtz, A. H. (2006). Resiliência no desenvolvimento: A importância da primeira infância. In R. E. Tremblay, M. Boivin, & R. D. Peters (Eds.), *Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância*. Retrieved from <http://www.encyclopedia-crianca.com/resiliencia/segundo-especialistas/resiliencia-no-desenvolvimento-importancia-da-primeira-infancia>
- Moilanen, K., Shaw, D. S., & Fitzpatrick, A. (2010). Self-regulation in early adolescence: Relations with mother-son relationship quality and maternal regulatory support and antagonism. *Journal of Youth and Adolescence*, 39, 1357-1367.
- Mullin, W. J., & Arce, M. (2008). Resilience of families living in poverty. *Journal of Family Social Work*, 11(4), 424-440.
- Nievar, M. A., Moske, A. K., Johnson, D. J., & Chen, Q. (2014). Parenting practices in preschool leading to later cognitive competence: A family stress model. *Early Education and Development*, 25, 318-337.
- Poletto, M. (2007). *Contextos ecológicos de promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade* (Dissertação de mestrado). Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Relvas, A. P. (2003). *Por detrás do espelho - Da teoria à terapia com a família* (2ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Rutter, M. (2012). Resilience as a dynamic concept. *Development and Psychopathology*, 24(2), 335-344. Doi: 10.1017/S0954579412000028. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22559117>
- Tavares J. (org). (2001). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez.
- Vale Dias, M. L., & Reboredo, A. R. (2011). L'Influence de la perception des relations parents-enfants dans le comportement antisocial. In E. Catarsi & J.-P. Pourtois (Eds.), *Education familiale et services pour l'enfance* (pp. 119-126). Firenze: Firenze, University Press.
- Vanderbilt-Adriance, E., & Shaw, D. S. (2008). Protective factors and the development of resilience in the context of neighborhood disadvantage. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36, 887-901. Doi: 10.1007/s10802-008-9220-1
- Zolkoski, S. M., & Bullock, L. M. (2012). Resilience in children and youth: A review. *Children and Youth Services Review*, 34, 2295-2303. Doi: 10.1016/j.chilyouth.2012.08.009